



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright 2008  
ISSN 1887-4606  
Vol 2(3) 2008, 475-502  
www.dissoc.org

---

*Artículo*

---

**O discurso citado na construção do efeito  
de sentido de identidade em agentes de  
segurança penitenciária**

*Reported speech in the identity construction of  
prison wardens*

*Elizabeth Harkot-de-La-Taille*

Departamento de Letras Modernas  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

## Resumo

*Sete entrevistas com agentes de segurança penitenciária, acerca de seu cotidiano, na função de disciplinadores, em uma mesma Penitenciária do estado de São Paulo, constituem o corpus de análise das formas de apoderação do discurso alheio, como estratégia discursiva participante da construção do efeito de sentido de identidade do sujeito coletivo "agente de segurança penitenciária".*

*Almeja-se mostrar que é possível estabelecerem-se relações entre a escolha de emprego de discurso direto, discurso indireto ou discurso indireto livre e certos percursos temáticos e figurativos constituintes de efeito de sentido de três instâncias identitárias: a) a imagem do agente como em posição de domínio e controle da situação, em consonância com o sistema penitenciário; b) a imagem do agente vulnerabilizado, vítima de doenças e associado à brutalidade e injustiças; e c) a imagem do agente abandonado pelo governo e sociedade, física e moralmente vulnerável, crítico em relação à função que desempenha, ao sistema penitenciário e à própria disciplina que defende, por seus atos, no cotidiano.*

*As diferentes imagens projetadas remetem à construção de um efeito de sentido de identidade oscilante, móvel, em grande instabilidade, na penosa busca de conciliação de facetas irreconciliáveis.*

**Palavras-chave:** *discurso citado, identidade coletiva, imagem de si, percurso temático, percurso figurativo, semiótica discursiva*

## Abstract

*This analysis of the interviews of Seven São Paulo prison wardens draws upon the resources of French Semiotics. The wardens talk about their daily routine, their actions and strategies for maintaining discipline, and define the meaning of discipline-maintenance in the prisoners' resocialization processes. In these interviews, reported speech is a frequently used resource. We analyze it as a discursive strategy for the identity construction of the collective subject "prison warden". Connections are established between the form of reported speech chosen (direct, indirect or free indirect speech) and certain thematic and figural processes that constitute the meaning effect of three types of self images: a) the warden in a position of power, in harmony with the penitentiary system; b) the warden as vulnerable, susceptible to illnesses and associated with brutality and injustice; and c) the warden as someone literally abandoned by the government, physically and morally vulnerable, critical of his occupation, of the penitentiary system, and of the discipline he himself employs, in his actions daily routine.*

*The different self-images that wardens project produce the meaning effect of an oscillating, mobile identity, in great instability, and in painful search for the conciliation or unassimilating facets.*

**Keywords:** *reported speech, collective identity, self image, thematic process, figural process, French semiotics*

## Introdução

*You are what you say*, diz o ditado em língua inglesa. Quem fala se fala por meio daquilo que diz, pode-se arrematar.

A abordagem do modo como os sujeitos orientam suas interações discursivas pelo contexto, notadamente profissional ou institucional, origina-se na Análise Conversacional, por meio da qual o pesquisador procura desvendar as marcas discursivas que definem as identidades institucionais, tais como médico-paciente, entrevistador-entrevistado e outros. Nessa perspectiva, o foco principal é a identificação de detalhes lingüístico-discursivos, no desenrolar da interação, que caracterizam a conversa e seus participantes, em seus papéis sociais ou institucionais (Buttny 1998: 46).

A Análise Conversacional praticamente exclui o estudo da perspectiva social e das relações de poder, manifestada e alimentada por formas lingüísticas, nas interações discursivas entre os sujeitos. A Análise Crítica do Discurso (ACD) constitui-se na proposta de enfrentar esse desafio. Conta com a atuação de Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak, entre seus expoentes, em uma rede internacional que aglutina pesquisadores de perspectivas distintas, porém, de interesses fortemente relacionados (Pedrosa, WEB).

“É possível defini-la como uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem (Wodak, 2003). Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente”. (*Idem*)

Desse modo, as interações discursivas dos mesmos pares hierárquicos citados acima encontram, na ACD, análise lingüística, discursiva e do contexto, cujo objetivo é o da explicitação das relações de poder e de perspectivas sociais em torno dos participantes. A linguagem é, portanto, veículo e motor – de perpetuação ou de mudança das condições de entorno das interações estudadas.

Nesse escopo, destacamos alguns estudos, entre uma grande quantidade existente. Ferreira (2004) estuda as representações jornalísticas da primeira vitória de Lula – Presidente –, apontando um alto grau de paralelismo entre a diluição da imagem de “transformador/revolucionário assertivo” e o aumento de intenções de voto, ao longo da campanha. Haworth (2006), a partir de entrevistas policiais, focaliza o jogo de tensão que se estabelece entre as estratégias de poder e as de resistência e o resultante efeito de sentido de identidade. Schuck e Ward (2008) analisam as declarações finais de presos na fila da morte, em Texas, com o objetivo

de explicitar as estratégias de auto-apresentação e de construção de sentido, por sujeitos face à própria execução. Stokoe e Edwards (2007) dedicam-se ao exame do discurso citado e de insultos raciais, como modo de apresentar o outro a partir de estereótipos, culturalmente compartilhados, em reclamações e repostas à polícia. Diante da extensa bibliografia em torno das estratégias discursivas relativas às formas de apoderação do discurso alheio e suas repercussões no efeito de sentido de identidade construído<sup>1</sup>, pode o leitor perguntar se o recorte aqui apresentado, definido pela busca de relação entre os tipos de citação empregados e o efeito de sentido de identidade, no discurso de agentes de segurança penitenciária, configura uma “amostra discursiva relativamente convencional nas suas propriedades interdiscursivas ou relativamente inovadora” (Fairclough, 2001: 283).

Defendo que a presente amostra discursiva (entrevistas de agentes de segurança penitenciária sobre o disciplinar) e sua abordagem (estudo das formas de apoderação do discurso alheio e sua possível participação, na construção do efeito de sentido de identidade ou de traços seus) podem apontar algum dado ou elemento digno de nota, para os estudos do discurso. Explico por quê.

Ao menos desde Goffman (1973), sabemos que ao discorrer sobre o trabalho cotidiano, os sujeitos atestam capacidades que remetem a representações sociais de si. As representações sociais são mediações simbólicas que se conectam às práticas sociais e contribuem para o estabelecimento do vínculo social, que passa a ser visto como um acordo entre sujeitos, um contrato, um jogo de busca de identidade (Ricoeur 2004).

Desse modo, enquanto o agente de sistema penitenciário fala à entrevistadora sobre seu cotidiano e sua atividade profissional, coloca-se como sujeito, emite representações sociais de si, passíveis de serem percebidas como um esboço seu, com traços gradativamente reforçados ou modificados por outros momentos de interação ou outras interações discursivas.

Em outro lugar<sup>2</sup>, analisamos o mesmo *corpus*, por outro ângulo de ataque: a análise narrativa e discursiva das entrevistas. Os percursos temáticos e figurativos identificados mostraram-se de vital importância na construção do efeito de sentido de identidade do conjunto de informantes. No decorrer daquele trabalho, intrigou-nos a frequência com que os agentes se apoiavam na palavra alheia, tanto para explicar suas atividades básicas, relativas à manutenção da disciplina, quanto para descrever sua relação com os detentos, seus pares e a sociedade. As histórias relatadas sobre motins, traições, tentativas de fuga eram também instâncias privilegiadas de recurso à palavra de outrem. Face ao elevado número de ocorrências de discurso citado, levantamos as seguintes perguntas de pesquisa, que procuramos agora responder:

- As três formas de incorporação do discurso alheio estão presentes nas entrevistas?
- Há predomínio de alguma?
- O modo de apoderação do discurso alheio, isto é, o emprego, seja de discurso direto, indireto, ou indireto livre, significa algo relacionado às projeções identitárias veiculadas? Se sim, como esse estudo se coloca em relação a Harkot-de-La-Taille (2007)?
- Tal estudo acrescenta elementos para a compreensão do mundo e das necessidades dos agentes de segurança penitenciárias?

A relevância social de se estudar as projeções identitárias no discurso de agentes de segurança penitenciária está em que conhecê-los a partir de **seu próprio ponto de vista** pode trazer subsídios para reflexões de diversas ordens. Com base em tais informações, falhas na estrutura do sistema penitenciário ou na dinâmica dos presídios podem se evidenciar; podem surgir novas explicações para a pouca eficácia do sistema na reabilitação dos presos; ou ainda desenvolver-se um olhar mais crítico sobre a postura da sociedade e do governo, a respeito da formação profissional ou até mesmo sobre o convívio, fora do presídio, e o papel social dos agentes.

O presente texto divide-se em cinco partes: situa teoricamente o discurso citado; faz uma breve apresentação do estado do Sistema Prisional, no Brasil; apresenta e rapidamente descreve as entrevistas; analisa as entrevistas por tipo de discurso citado empregado, buscando estabelecer relação entre a forma de citação empregada, o gradiente de poder do ASP e o desenvolvimento de certos percursos temáticos e figurativos, constituintes do efeito de sentido de identidade. Conclui formulando um esboço da identidade discursivamente construída pelo e para o sujeito coletivo “agente de segurança penitenciária”.

### *O discurso citado*

Nosso foco é o emprego do discurso alheio em situação de manifestação discursiva oral, em entrevistas realizadas entre agentes de segurança penitenciária e uma psicóloga, na época, vinculada ao presídio. Logo, a entrevistadora não era uma desconhecida, o que favorecia o acesso aos agentes, do ponto de vista burocrático, além de proporcionar rapidamente um ambiente de confiança, entre entrevistador e entrevistado. É plausível pensar que o ambiente de descontração tenha tido um papel na orientação das entrevistas e na escolha dos tópicos a serem revelados, assim como, talvez, na abundância dos exemplos de discurso citado.

---

“Tomamos en consideración inicialmente, lo que Labov y Fanshell (1977) nos dicen respecto de una entrevista. Ellos plantean que podemos definir una entrevista como un *speech event* en el cual una persona, A, extrae información de otra persona B, la cual estaba contenida en B, como biografía de tal manera que “la información contenida en la biografía de una persona ha sido experimentada y absorbida por esta persona y será retornada con un cierto monto de orientación e interpretación que está condicionada por la experiencia y orientación de la otra persona” Rivero (2003).

Tanto o ambiente descontraído, como o fato de conversarem sobre a atividade profissional do agente acabavam por dirigir as respostas a questões da vida pessoal, suas crenças e aspirações. A família, o bairro, a TV, o governo, o mundo exterior eram evocados para exemplificar situações vividas no presídio.

O discurso citado é uma marca amplamente reconhecida da heterogeneidade discursiva. Maingueneau (1987) aponta serem o discurso direto e o discurso indireto os mais amplamente estudados, até então<sup>3</sup>, como mostradores do intertexto no qual um dado texto se inscreve. O autor reserva a palavra *intertexto* ao conjunto de fragmentos que uma dada formação discursiva efetivamente cita, enquanto nomeia *intertextualidade* o tipo de citação legitimado pela mesma formação discursiva, por sua prática. Afirma Bakhtin (1979: 146, grifos do autor), que

“A enunciação de outrem pode ser apreendida como uma *tomada de posição com conteúdo semântico preciso* por parte do falante, e nesse caso, através da construção indireta, transpõe-se de maneira analítica sua composição objetiva exata (...) Mas pode-se também apreender e transmitir de forma analítica a enunciação de outrem enquanto *expressão* que caracteriza o *próprio falante*: sua maneira de falar (individual ou tipológica, ou ambas); seu estado de espírito, expresso não no conteúdo, mas nas formas do discurso (por exemplo, a fala entrecortada, a escolha da ordem das palavras, a entoação expressiva, etc.); sua capacidade ou incapacidade de exprimir-se bem, etc.”

Se sabemos que as formas de apreensão do discurso de outrem *significam*, isto é, que a escolha da forma contribui para os efeitos de sentido e participa da legitimação do lugar discursivo do falante, logo, do jogo de estabelecimento de imagens de si do sujeito do discurso, sabemos, também, que a voz de outrem não é sempre claramente mostrada, explícita, como no caso do discurso direto ou do discurso indireto, mas, frequentemente, precisa ser resgatada, reconstruída, com base em indícios, em pistas variadas que o texto dá. Esses casos caracterizam ocorrências do discurso indireto livre.

“... Fora do contexto nada permite conferir, com segurança, o estatuto de discurso indireto livre a um enunciado; isso se deve à propriedade notável que ele possui de relatar proposições fazendo ouvir, inextricavelmente misturadas, *duas vozes* diferentes, nos termos de Bakhtin, dois “enunciadores”, segundo os de Ducrot. O

discurso indireto livre é percebido precisamente nas incongruências, nas discordâncias que se estabelecem entre a voz do enunciador que relata as proposições e aquela do indivíduo cujas proposições são relatadas. O enunciado *não pode ser atribuído nem a um, nem ao outro*, e não é possível separar, no enunciado, as partes que remetem univocamente a um ou a outro<sup>4</sup> (Maingueneau, 1987: 70, grifos do autor, tradução nossa)

Apreender o intertexto exige, portanto, especial atenção às formas do discurso citado. E as formas legitimadas pela prática fornecem indícios do conjunto de valores subjacente ao discurso. O exame dos modos como o discurso citado é utilizado, nas entrevistas, pelo sujeito agente penitenciário, permitirá buscar alguma relação entre sua forma e a natureza, mais temática ou figurativa, do texto em que se insere.

Ademais, “O discurso citado parece reservado para capturar as partes mais cruciais ou interessantes da narrativa. Isso pode se dever ao fato de que o discurso citado, especialmente o direto, é o que chega mais perto de apresentar o que foi dito, e, portanto, feito” Buttny (1998: 50-51 tradução nossa). Também segundo Buttny (1998), o discurso indireto, por outro lado, dá espaço ao falante para orientá-lo, segundo sua intenção, e nele inserir suas avaliações, emoções, afetos, temores.

Greimas e Fontanille (1991) investem na explicitação da conexão semiótica do sentir ao conhecer. Toda sensibilização é suscetível à moralização, manifestada já no nível das escolhas lexicais realizadas. A operação de moralização é reveladora de indícios do sistema de valores projetado pelo sujeito, é uma mediação simbólica que relaciona representações sociais – imagens de si – às práticas sociais e o vincula socialmente, em suas representações identitárias. Esse é o quadro teórico aqui assumido, na análise das formas de apoderação do discurso alheio e sua relação com percursos temáticos e figurativos, constituintes dos efeitos de sentido de identidade.

### ***Sobre o Sistema Prisional de São Paulo, Brasil***

“Em todos os sentidos, o sistema penal brasileiro é enorme. O Brasil encarcera mais pessoas do que qualquer outro país na América Latina (sem dúvida, possui um número de agentes penitenciários maior que o número de presos em muitos países); o sistema opera o maior presídio individual da região; até mesmo o número de fugitivos atinge milhares. Infelizmente, os problemas desse sistema imenso e de difícil controle possuem proporções correspondentes. Abusos dos direitos humanos são cometidos diariamente nos estabelecimentos prisionais e afetam muitos milhares de pessoas. As causas dessa situação são variadas e complexas mas, certamente, fatores cruciais podem ser identificados. Entre eles, talvez o mais importante, seja a idéia de que o abuso de vítimas - presos e, por isso, criminosos - não merece a atenção pública” Human Rights Watch (WEB)<sup>5</sup>.

A situação paulista não é diferente. Em média, os presídios têm entre duas e cinco vezes a lotação máxima prevista. Em alguns casos, atinge níveis desumanos, aglomerando pequenas multidões dentro de cada cela. A superlotação, porém, atinge os presos de maneira desigual: as piores celas, menos arejadas, menos iluminadas e mais lotadas são para os mais pobres ou menos influentes.

Mais um grave problema é o da violência policial e tortura, situação acirrada nas vistorias das celas, na recaptura de fugitivos e após rebeliões.

A assistência médica, jurídica e social, previstas por lei nos estabelecimentos presidiários, é muitas vezes inacessível aos detentos.

Presos perigosos e réus primários amontoados compartilham as mesmas celas, gerando o problema da violência entre detentos, responsável por um número não registrado de mortes violentas.

Nesse contexto dantesco, os agentes de segurança penitenciária fazem o elo entre sociedade e presídio, entre os homens livres e os cerceados de sua liberdade, tendo a responsabilidade de manter a disciplina, a segurança e o bem-estar na instituição. Enfim, não é preciso muita perspicácia para perceber a enormidade e a dificuldade da tarefa colocada em seus ombros, enquanto o discurso oficial, segundo HRW, prevê:

“Reconhecendo a importante responsabilidade confiada aos guardas das prisões, que devem evitar preventivamente fugas e manter a ordem entre os prisioneiros, enquanto proporcionam segurança e bem estar a todos os internos, as Regras Mínimas contêm várias cláusulas obrigando a cuidadosa seleção dos guardas, que deverão ser apropriadamente treinados e adequadamente remunerados. É ressaltado, na explicação destas medidas, que o correto funcionamento das prisões depende dos guardas, notadamente de sua "integridade, humanidade, capacidade profissional e aptidão pessoal para o trabalho na prisão"” HRW (WEB).

Deixando o mundo das intenções de papel, voltemos ao mundo dos homens de carne, suor, sangue e ossos. Na prática, além da situação caótica encontrada, os agentes recebem baixos salários e se ressentem da falta de treinamento e de apoio. Praticamente despreparados para a profissão, muitos ainda bem jovens, ingressam em um presídio, normalmente, superlotado, sem recursos nem apoio. Suas armas, para manter a disciplina, dividem-se entre as permitidas (advertências, restrições e isolamento) e as “*alternativas*” (não permitidas: humilhações, castigos físicos, como surras, privação de comida ou de uso de banheiro).

Assim, o semi-abandono em que os agentes são deixados, por governo e sociedade civil, encoraja a participação ativa desses, no caos infernal do dia-a-dia nos presídios.

### *As entrevistas<sup>6</sup>*



São sete as entrevistas em questão, sobre a disciplina e o disciplinar, extraídas do Anexo 2 da Dissertação de Mestrado de Rosalice Lopes, “Atualidades do discurso disciplinar: a representação da disciplina e do disciplinar na fala dos agentes de segurança penitenciária”, apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, em 1998. De um conjunto de 21 entrevistas, optou-se pelo agrupamento daquelas feitas no estabelecimento prisional de São Paulo com o maior número de entrevistados, compondo uma amostragem de cerca de 120 páginas de transcrição.

As entrevistas têm um padrão organizacional comum. Todas começam pela pergunta: “*Eu gostaria que você me contasse como é o seu trabalho diário na disciplina...*”, ao que os informantes discorrem sobre sua rotina de trabalho e tarefas cotidianas, normalmente, seguidas de queixas sobre dificuldades no desempenho da função.

Passados os primeiros minutos de tomada de contato, o fazer disciplinar é evocado e as respostas começam a ter um conteúdo crítico, principalmente relativo à falta de condições para o desempenho da função. Destacam-se relatos sobre dificuldades enfrentadas, como episódios envolvendo medição de forças com presos, situações de esvaziamento do poder do agente por um superior hierárquico, diante dos presos, e até mesmo eventos de motins.

Ao abordar tais assuntos, as entrevistas tornam-se mais tensas. Seis de sete entrevistados assumem postura abertamente crítica ao sistema, por eles considerado ineficiente, incapaz de promover a reabilitação do preso e responsável por promover injustiças, em relação aos agentes, levando-os a desequilíbrios diversos, a ponto de lhes comprometer a saúde e a capacidade de trabalho. Somente um dos entrevistados defende o sistema e diz considerá-lo eficiente.

A última parte das entrevistas aborda o agente em relação à sociedade, sua imagem veiculada pela mídia e repercussões negativas, para seu convívio social, fora do presídio. São poucos os momentos de ironia ou humor. No geral, os entrevistados tendem a se colocar como ‘bem-comportados’, prontos a colaborar com a entrevistadora e, ao mesmo tempo, mostrando certo desejo de que a entrevista ocasione alguma mudança, alguma melhoria, em suas condições de trabalho.

As entrevistas analisadas e seus respectivos informantes, todos agentes de segurança penitenciária (ASP, doravante) da mesma unidade prisional do estado de São Paulo, são referidos por: ASP 2, ASP 6, ASP 8, ASP 11, ASP 12, ASP 13 e ASP 14, a fim de manter-se a numeração que figura no Anexo 2 supracitado).

Os assuntos discutidos evocam referências ao falante, ao conjunto dos agentes, ao Sistema Penitenciário (direção, chefia, vigilância, serviço

médico, enfermaria), aos presos e à sociedade. Em uma apenas, ASP 11, a Comissão dos Direitos Humanos também é referida.

A polifonia presente manifesta-se principalmente pela voz<sup>7</sup> dos entrevistados, gradualmente mutante: de aparente sintonia com o sistema penitenciário, no início, para franca oposição, ao final, à exceção de um caso, ASP 13.

A prosódia será considerada em casos específicos, quando a transcrição não bastar para gerar o efeito de sentido de certas interações verbais. As gravações não estão disponíveis ao público, por medida de preservação dos sujeitos.

### *Análise: discurso citado e gradiente de poder*

As ocorrências de discurso citado, nas cerca de 120 páginas do *corpus*, foram levantadas e separadas por entrevista e tipo de citação: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. De posse dos dados, em cada entrevista, para cada tipo de discurso citado, investiu-se na explicitação dos percursos temáticos e figurativos veiculados. A análise dos percursos conduziu à identificação de imagens de si e do(s) sistema(s) de valores que lhes subjazem.

Esses dados foram cotejados, por tipo de discurso citado, em todas as entrevistas, a fim de propor-se, por meio da integração desses elementos, um quadro da identidade coletiva projetada por esses sujeitos.

#### *O discurso direto*

Nas sete entrevistas, o discurso direto é o tipo mais freqüente de inserção do discurso alheio. Destacamos, no quadro abaixo, alguns exemplos de cada entrevista. A lista não é exaustiva, dado o grande número encontrado, mas esforça-se por ser representativa, na medida em que traz uma ou duas ocorrências<sup>8</sup> de cada tipo de situação em sua base:

<b>ASP 2: Exemplos de discurso direto</b>
<p><i>“Você confia nesse preso”?... “Não confio”... “Então porque pôs pra trabalhar lá”? (p.17) [funcionário para funcionário]</i></p>
<p><i>“Você me pegou, eu tava de costas, você me pegou, pôs a faca no pescoço, você chegou a furar minha pele, você me fez tirar a roupa, me fez pôr roupa de sentenciado, você cortou meu bigode...”(p. 22) [agente para preso]</i></p>
<p><i>“Essa faca aí é pra preso ou pra funcionário, então, se é pra funcionário, é o seguinte’ (bate com uma mão cerrada na outra, parecendo demonstrar um soco)...”(p. 23) [agente para preso]</i></p>

*“Não faça, senão não vai ter televisão... não faça, senão vou te tirar metade do que você come!” (p. 23) [agente para preso]*

*“Ô, Ladrão<sup>10</sup>, vem aqui!” (p.24) [agente para preso]*

*“Seu agente, eu tenho nome.” (p. 27) [preso para agente]*

Os exemplos de ASP 2 apontam o discurso direto em relatos de situações de medição de forças, quando há disputa de poder, tanto entre funcionários, como entre ASPs e presos. Só há lugar para críticas entre iguais, enquanto a comunicação hierárquica, ASP-presos, é instrumental, reservados os pólos de subserviência ao preso, mesmo quando em contestação, e de dominação ostensiva ao agente, inclusive por meio da manipulação por ameaça, por intimidação. As figuras de ameaça evocadas<sup>11</sup>, enquanto em si ou como motivação para vingança, são todas atinentes aos temas poder, vulnerabilidade e subserviência:

- a) o risco (no sentido “corte”), a faca, a faca no pescoço – o poder sobre o corpo e sua vulnerabilidade à dor, à morte;
- b) o tirar a roupa, o vestir roupa de preso, o cortar o bigode – o poder sobre a honra do sujeito e sua vulnerabilidade moral;
- c) o ficar sem televisão, o ter a razão reduzida – o poder sobre o acesso do detento a coisas necessárias ou desejadas e a subserviência, face à possível privação.

#### ASP 6: Exemplos de discurso direto

*“Oh, Chefia<sup>12</sup>, é o seguinte, saindo daqui eu vou matar um montão”... “Ah, por mim, cê pode matar até cem!” (p. 62) [preso para agente]*

*“Ô Chefia, dá pro senhor abrir aqui pra mim?”... “Fala direito, meu chapa”. (p. 62) [preso para agente para preso]*

*“Olha, sai daqui, senão você vai ser recolhido.” (p. 62) [agente para preso]*

*“Olha, não tenho culpa que você está preso aqui, então, portanto, quero que me respeite.” (p. 65) [agente para preso]*

*“... pô<sup>13</sup>, pra que você largou o posto?” (p. 66) [funcionário para funcionário]*

*“Dá pra você fazer isso, Ladrão?” (p. 67) [agente para preso]*

*“Olha, vou te picar tua cara, trezão<sup>14</sup>.” (p. 68) [preso para preso]*

*“Ladrão, vem cá!” (p. 68) [agente para preso]*

ASP 6 repete a opção por discurso direto relacionado à medição de forças e disputa de poder entre pares e hierárquica, entre ASPs e presos. A comunicação ASP-presos é, novamente, instrumental, tendo o primeiro como dominador e o segundo como subserviente. Na tentativa de manipulação do preso sobre o ASP, “*Saindo daqui eu vou matar um montão*”, o segundo se recusa a jogar o jogo e desqualifica a possível ameaça, ao mostrar indiferença. Mesmo quando parece haver equilíbrio, num pedido de favor – “*Dá pra você fazer isso, Ladrão?*” – os papéis hierárquicos são reafirmados, na forma de tratamento escolhida. O contato preso-presos é retratado dentro do mesmo esquema dominador – dominado, manipulador – manipulado. As figuras empregadas são o matar, o “falar direito”, o respeito ao ASP e à ordem dada, o desrespeito ao agente e ao regulamento, a faca, remetendo, outra vez, ao poder e às vulnerabilidade e subserviência do mais fraco.

<b>ASP 8: Exemplos de discurso direto</b>
“ <i>Você é estuprador!</i> ” (p. 81) [agente para preso]
“... <i>é assim, assim se você não seguir essa ordem, vai pro castigo.</i> ”... “ <i>você vai pro castigo porque você tá desrespeitando.</i> ” (p. 83) [agente para preso]
“ <i>Sim, senhor... não, senhor...</i> ” (p. 84) [preso para agente]
“ <i>Quero entrar na cela</i> ”... “ <i>Tô precisando de limpeza...</i> ” (p. 85) [preso para agente]
“ <i>Eu mereci apanhar.</i> ”... “ <i>Apanhei, mas apanhei porque eu mereci, entendeu?</i> ”(p. 86) [preso para preso]
“ <i>Ô, Ladrão, vem cá, é, qual é sua matrícula?</i> ”(p. 88) [agente para preso]

ASP 8 reforça o quadro delineado por ASP 2 e ASP 6 (medição de forças, comunicação instrumental, manipulação por ameaça), com uma novidade: a relação preso-presos, mesmo se ainda dentro do esquema de disputa de poder, apresenta o preso como, ao menos aparentemente, situado de modo espontâneo na esfera da subserviência ao sistema. Se há disputa de poder explícita entre um e outro preso, o que se faz forte defende uma punição sofrida. Tal postura, evidentemente, pode também ser entendida como recusa do sujeito a se colocar em posição de vítima do ASP: afirmando que “mereci[eu] apanhar”, está ao mesmo tempo dizendo que fez de fato algo considerado errado, contrário ao regulamento e que foi flagrado. Ressignifica o castigo como parte de um jogo, comparado a uma penalidade

esportiva, equivalente, em uma partida de futebol, ao sujeito fazer uma “falta” e o juiz ver. Enfim, recusa a posição de vítima, que o caracterizaria como fraco, e se impõe como forte, “homem com H”, ao insistir no *fair-play*. As figuras evocadas são o estuprador, com valor de ofensa, o castigo, o respeito, o desrespeito, o apanhar, todas ilustrando, novamente, os mesmos temas anteriores.

**ASP 11: Exemplos de discurso direto**

“Pô, mas o cara tá preso, vai bater!” (p. 109) [sociedade sobre agentes]

“Ô, o negócio é o seguinte; precisa cortar o cabelo, cê não vai passar daqui enquanto não cortar o cabelo e não fizer a barba”(…) “Pô, meu, qual que é... entendeu... pô meu, qual que é, o Chefia lá deixou...”. (p. 110) [agente para preso para agente]

“Esse cara não quer saber de nada, esse cara quer apanhar, mesmo” (p. 110) [presos entre si, sobre outro preso]

“Cê vai pedir seguro<sup>15</sup>?” alguns falam: “Não, não vou pedir seguro porque eu sou muito homem...” (p. 110) [agente para preso para agente]

“Mão pra trás, lá fora!” (p. 111) [agente para preso]

“Ô, cidadão...” (p. 112) [agente para preso]

“Você vai apanhar igual homem e você vai ter o direito de se defender. Entra dentro dessa sala.” (p. 118) [agente para preso]

“Senhor, eu posso tomar um banho agora?” (p. 118) [preso para agente]

ASP 11 também retrata, por meio da opção pelo discurso direto, episódios de medição de forças e de disputa de poder, entretanto, com um grau de complexidade maior. Algumas das falas estabelecem um trânsito entre sociedade e presos, entre diferentes graus hierárquicos, no presídio, e entre presos e valores socioculturais. Enquanto em ASPs 2, 6 e 8 o discurso direto é principalmente instrumental (*x* diz a *y* para fazer algo ou *x* fala a *y* sobre si ou sobre sua necessidade), em ASP 11 ele introduz uma terceira instância: a voz da sociedade, que assume a defesa do preso, na crítica direta ao agir do agente; o preso evoca o superior hierárquico do agente, como legitimador da inobservância do regulamento; presos assumem a voz do sistema penitenciário, na crítica a outros presos; preso recusa proteção oferecida, evocando seu papel sociocultural masculino. No tangente às figuras, repete-se o bater e o apanhar, mas introduz-se o Chefe hierárquico superior ao ASP e o “muito homem”, como valor superior à proteção proporcionada pelo

regulamento. A instauração do poder do ASP e da subserviência do preso, ao contrário das entrevistas anteriores, não surge incontestemente, como decorrência natural de um conjunto de formas de manipulação, regularmente postas em prática. Esse jogo de tensões, gerado pela introdução de um terceiro, nos usos do discurso direto, em ASP 11, sugere que, na disputa pelo poder, a vulnerabilidade pode estar não associada ao preso, mas, por vezes, ao próprio agente.

**ASP 12: Exemplos de discurso direto**

“... *Abaixa a cabeça! Fala baixo!...*” (p.130) [agente para preso]

“*Pode dar canada, pode me quebrar, mas não me humilhe... não me dá tapa na cara, não me encoste na parede*<sup>16</sup>...” (p.133) [preso para agente]

“*Tá, me quebra, mas não faz isso, não escreve*<sup>17</sup> *não...*” (p. 133) [preso para agente]

“*Cê não é homem pra segurar essa barra? Você que... não fui eu que te trouxe pra cadeia, cê veio aqui... o problema é seu*”. (p. 134) [agente para preso]

“*Mas trabalha aonde?*”... “*Trabalho na cadeia*”... “*Mas trabalha aonde, mexe com preso?*” “*Não, serviço burocrático, nada a ver com cadeia, não...*” (p. 140) [membro da sociedade para agente para membro da sociedade]

“*Vamos fazer um jardim, aqui na frente, vamos colocar outra mesa, vamos mudar o setor, aqui, vamos fazer uma limpeza fora do presídio...*” (p. 141) [chefe para subordinados]

Ao que foi dito anteriormente, ASP 12 acrescenta três novos elementos: a manipulação por provocação, do agente sobre o preso; a mentira do ASP, em sociedade, sobre sua profissão; e a idéia de necessidade de mudanças. Voltam as figuras do apanhar e do ser homem, às quais acrescentam-se o tapa na cara, o encostar na parede, o “escrever o preso”, o “segurar essa barra”, o jardim, a troca de móveis e a limpeza. Como nas entrevistas anteriores, mesmo se a partir de exemplos de discurso direto mais violentos, repete-se a dinâmica de medição de forças, de disputa de poder e da subserviência, agora explicitada em seu limite (*não me humilhe... não me dá tapa na cara, não me encoste na parede*). São portanto, acrescidas a recusa da humilhação e a necessidade de mudanças. A vulnerabilidade, dentro do presídio, parece ser inteiramente do preso, enquanto, em sociedade, passa a ser do agente, que mente sobre seu trabalho, para se proteger do possível julgamento social negativo de sua imagem.

**ASP 13: Exemplos de discurso direto**

*“Ô sentenciado, por favor...”* (p.146) [agente para preso]

*“Ô, por favor, não dá pra você... não fazer assim, porque tá errado, faz dessa maneira...”* (p.146) [agente para preso]

*“Ô, senhor funcionário... Ô, funcionário... eu vou fazer tal coisa...”*(...) *“Pode fazer.”* (p.146) [preso para agente para preso]

*“É porque o agente penitenciário é um carrasco, ele bate no preso, ele tortura o preso.”*... (p. 147) [sociedade sobre agentes]

ASP 13 constrói um quadro, em parte, distinto dos anteriores. É a entrevista com o menor número de exemplos de discurso direto, esses sempre empregados como apoio ao sistema penitenciário. Não existe, em discurso direto, disputa de poder, mas aceitação tácita da autoridade do agente, sobre o preso. A única voz dissonante é a da sociedade.

**ASP 14: Exemplos de discurso direto**

*“Vou dar a palavra! Ninguém mais bate em você, mas vai soltar o funcionário...”* (p. 154) [diretor para preso]

*“Explica: fica esperto porque... vou dar uma chance pra você... na próxima...”* (p.159) [agente para preso]

*“Explica: vocês vão ficar aqui dentro, vão continuar? a gente traz de um em um... a gente traz um, conversa... explica: dá pra você continuar no pavilhão ou você quer mudar de pavilhão... aí... Não, Chefe... já... já conversei, tá tudo [resolvido]...”* (p. 159) [agente para preso para agente]

ASP 14 introduz a negociação, dentro do quadro das estratégias para manutenção de poder. A figura da palavra dada associa-se à libertação do funcionário feito refém; a figura do “ficar esperto”- não repetir o erro – é condição para a não punição; a da conversa conduz à resolução do conflito: são casos de manipulação por tentação ou por intimidação. O discurso direto, em ASP 14, não destaca a subserviência, embora a pressuponha, mas a negociação ou a reconciliação.

Um olhar geral sobre os efeitos de sentido do emprego de discurso direto, nas sete entrevistas, acrescenta um dado à função tradicionalmente atribuída a tal recurso. A literatura tem nos mostrado, reiteradamente, o discurso direto como um recurso que gera efeito de sentido de

distanciamento e imparcialidade<sup>18</sup>. Na presente amostragem, diferente do que se poderia esperar, observa-se uma forte figurativização, no discurso citado em modo direto, pulsando de emoção e subjetividade. Repetem-se as figuras da faca, do castigo, do apanhar, do bater, remetendo a cenas do cotidiano que, a partir das escolhas lexicais realizadas pelos entrevistados, projetam o ASP dotado de poder e o preso, na base da cadeia hierárquica, como fraco, vulnerável, subserviente. Até mesmo as falas atribuídas aos últimos tendem a reforçar essa dinâmica. Há apenas variação quando o discurso citado origina-se entre pares, ou face à sociedade, situações em que a complementaridade simples anterior é abalada e, conseqüentemente, o agente passa a ser criticado, acusado, censurado, assumindo, por vezes, o lugar da vulnerabilidade.

### *O discurso indireto*

Ao contrário do discurso direto, o discurso indireto é o de menor número de ocorrências, ao longo das sete entrevistas. Muitas vezes, surge truncado, com digressões, comentários do entrevistado ou com recursos fáticos inseridos. Aqui, a amostragem é praticamente exaustiva<sup>19</sup>.

#### **ASP 2: Exemplos de discurso indireto**

*“... então, por exemplo, se eles ficam sabendo que vai ter algum atrito lá dentro, e eles podem se sentir prejudicados, se eles vêem alguém com faca, com alguma coisa, conversando dão um toque<sup>20</sup> para a gente ou com o setor de vigilância, né? Um toque, assim, eles não falam quem, não dão o nome do santo, eles contam o milagre<sup>21</sup>, assim... em forma de código, a gente pega no ar, né?” (p.17)*

Em ASP 2, o discurso indireto surge no relato de uma historietinha do cotidiano, em que se destacam a divisão entre detentos, o poder e a necessidade de astúcia do agente.

Já em ASP 6, também relatando uma história sobre o jogo de forças diário, o agente é surpreendido pelas entrelinhas do poder, tornando-se a parte vulnerável:

#### **ASP 6: Exemplos de discurso indireto**

*“É, por exemplo, o preso ele xingou um funcionário e o funcionário faz a parte<sup>22</sup>, manda para cima, né? Para as autoridades competentes... Quando a parte chega nas autoridades competentes (...) ela volta como repreensão para você...” (p. 60)*



ASP 8 ilustra seu despreparo, para a função, no início de carreira, por meio de uma narrativa um tanto cômica: seu zelo profissional, aliado à inexistência de códigos de conduta ou apoio institucional, fornece a presos condições para uma nova infração:

**ASP 8: Exemplos de discurso indireto**

*“Já mandei dois presos pro castigo uma vez, in experiência total minha. Eu peguei uma vez, tava no almoxarifado, todo mundo fechado lá, aí eu peguei e tranquei os dois lá dentro, aí, quando eu voltei eles tinha pegado aquele, solvente de Carbex, branquinho, cê conhece? Tem o branquinho que você passa pra apagar erro e tem o solvente, né? Que no fim endurece, eles pegaram pra cheirar, aí quando eu cheguei eles tavam bem loucos, me disseram todas... no almoxarifado, eu dei que não tinha vigilância, né?” (p. 82-83)*

Em ASP 11, é o discurso social vigente, por meio de ditados populares<sup>23</sup>, que é evocado para legitimar sua conduta e rebater outras posições, como se dissesse “não sou eu que falo, a vida é assim, todo mundo sabe”. Desse modo, sua conduta, mesmo se violenta, fica *a priori* justificada. E prepara a pequena narrativa seguinte, também em torno do poder:

**ASP 11: Exemplos de discurso indireto**

*“... tem um ditado que diz a violência gera violência, não é? Tá, concordo, mas, pra combater a força, só com uma força maior...e quem tá na chuva é pra se molhar... não é?” (p. 109)*

*“... Já teve casos de preso chegar, aqui na revisora, apeitar<sup>24</sup>, como forma de agressão... e uma coisa dessas não pode se admitir, de jeito nenhum, entendeu?” (p. 109)*

ASP 12 também remete ao dizer alheio – porém, o da categoria profissional, não o discurso social – para sustentar seu ponto de vista, segundo o qual não é possível aplicar-se o regulamento o tempo todo, nem em todos os itens:

**ASP 12: Exemplos de discurso indireto**

*“tem que saber... deixar um pouco, senão chapá<sup>25</sup>... se começar a querer... levar muito a sério, entendeu? Querer entender o sistema vai ficar... chapado, como dizem aí. Tem que deixar um pouco, vai, aconteceu coisa mínima, deixa prá lá, entendeu? Vamos tocando...” (p. 128)*

*“Enganado... totalmente enganado... te fala uma coisa e faz outra, prega um negócio e tão fazendo outra coisa totalmente ao contrário... cê entendeu o que é*

*isso?... Na frente de todo mundo! Vamos dizer, assim, num caso... um caso, o diretor chega e dá o maior esculacho no preso, na frente do funcionário... depois o funcionário... tudo bem, tal, tá tudo certo. Depois, no outro plantão, que não é daquele funcionário, o próprio diretor encontra o preso e... 'tá tudo certo, aquilo lá foi por isso... isso... só pra deixar... tudo bem?' Então é muita falsidade..." (p. 139)*

Segundo seu relato, agentes zelosos e observadores do regulamento perdem a razão, “chapam”, ou acabam desautorizados pela própria instituição, indigna de confiança. A inflexibilidade pode conduzir a desequilíbrio mental ou à humilhação, duas concretizações de sua vulnerabilidade.

Não foram encontrados exemplos de discurso indireto em ASP 13. Em contrapartida, ASP 14 premia o leitor com vários relatos do cotidiano, principalmente, em torno das contingências responsáveis por transformar homens em criminosos (traição, vingança, ser bode expiatório) e ele mesmo em agente penitenciário (idade avançada, responsabilidades do casamento, segurança do emprego do estado, liberdade de ação, arrefecimento da coragem aos 41 anos).

#### ASP 14: Exemplos de discurso indireto

*“... ele conta e a gente fica meio pensativo... será que é verdade, né? Teve um aqui, a mulher que arrumou um 213 (estupro) nesse processo... que ele bateu, ele bebeu e ele bateu na mulher, né? E a mulher arrumou um PM<sup>26</sup> (riu) arrumou um 213 nas costas dele.” (p. 155-6)*

*“Tá cheio de preso aí... conversei outro dia com um preso que ele furou os olhos de dois... dois moleques... lá perto do EM<sup>27</sup>... ali... porque... sem querer, o moleque falou que ele morava em tal lugar e a polícia tava atrás dele... foi preso tanto tempo e depois saiu e furou...” (p. 156)*

*“Conversa é conversa... Teve um aqui... ele veio preso... ele tava me explicando... pegaram ele como bode expiatório, eu sei... conversa, eles explica o que aconteceu, matou, precisou matar...” (p. 159)*

*“É... eu já tô velho, eu fiz a inscrição eu tava trabalhando na D., era promotor de vendas... aí eu fiz o curso aqui, trabalhava no E., do E. passei pra D., aí me chamaram... eu falei pra mulher... eu tô casado... e o único emprego no Estado é sempre um emprego... pinga, pinga, mas nunca falta, né? E não tem nem patrão, não é isso? Nunca tem patrão... empresa privada o medo é... sou casado... um dia vai pra rua... tô com 41 anos... (p. 163)*

Do conjunto das entrevistas, as várias historietas relatadas colocam que, na falta de astúcia, o poder quase incontestado do agente, retratado por meio do

discurso direto, dilui-se rapidamente, no emprego do discurso indireto, em formas diversas de violência: às facas acrescentam-se a retirada de poder por superior hierárquico, o enlouquecimento, as humilhações diante dos presos. Estas ocorrências apontam para o jogo da sobrevivência: é impor-se ou submeter-se, tanto enquanto agente, como enquanto preso, ou mesmo enquanto pessoa livre, no mercado de trabalho ou, simplesmente, na vida. O mundo é perigoso, repleto de armadilhas e o homem, independentemente de ser agente ou preso, está sujeito a transformar-se em vítima de conluíios, acasos, pressões econômicas, azares. O discurso indireto reconfigura o agente, antes, predominantemente senhor de si, agora, homem vulnerável, em necessidade de lutar pela conservação da própria vida e de alguma imagem de si socialmente aceitável, e em situação desvantajosa.

### *Discurso indireto livre*

O emprego do discurso indireto livre tem vários pontos em comum em todas as entrevistas. Típico, principalmente, dos primeiros minutos de conversa, a voz do sistema é reportada na resposta à pergunta inicial “*Eu gostaria que você me contasse como é o seu trabalho diário na disciplina...*”, cujo tema os entrevistados desenvolvem, com o apoio de exemplos de funções desempenhadas no dia-a-dia, como uma lista. Mais adiante, novas ocorrências acrescentam-se. Eis uma seleção delas, contemplando todas as entrevistas:

	<b>Exemplos de discurso indireto livre</b>
<b>ASP 2</b>	<p><i>“Bom... a regra ditada pelos funcionários ela é simples, respeitar o funcionário,... desde que não seja um sentenciado tem que haver um respeito... tem que andar com a mão pra trás e cabeça semi abaixada... em atitude de subserviência... humildade,... não responder violentamente ou de má vontade... mão pra trás... atitude de respeito, né? Outra coisa,... manter a limpeza, seguir as regras... Tem horário pra sair da cela, horário pra entrar na cela, horário pra alimentação, horário pra praticamente tudo, se deu horário pra sair do serviço é aquele horário... passou daquele horário ele já não pode ir...” (p. 18)</i></p> <p><i>(sobre o código dos presos:)“... se ele [preso] não cumprir com o prometido ele vai se prejudicar, desde levar uma surra, ser esfaqueado, ou até ir pra outra unidade, dependendo do caso... no dia de visitas, nenhum deles sai pra fora do pavilhão..., sem estar com uma roupa decente... São regras... imposto por eles mesmos... certo? Não olhar muito pra visita de um outro companheiro...” (p. 19)</i></p>
	<p><i>“Essas regras é assim, por exemplo... você não pode agredir um preso, não agredir o preso assim fisicamente... Jamais você vai pegar um</i></p>

ASP 6	<p><i>cigarro de um preso dentro da cela dele... O tráfico de droga também é uma regra, uma lei, existe a lei e existe a regra interna também...</i>” (p.61)</p> <p>“<i>Os deveres dele é manter a cela limpa, manter comunidade lá com os companheiros dele, não é querer brigar, porque se ele brigar ele vai ser recolhido, então, quer dizer, é dever dele ele manter reunido com os companheiros de cela, manter a cela limpa, seguir as regras...</i>” (p. 63)</p>
ASP 8	<p>“<i>Esse negócio de disciplina nessa cadeia, no sistema é ver a matrícula, uniforme e “... Sim senhor, não senhor...” tem que andar onde tem as faixa azul aqui no corredor, mãos para trás tem que respeitar o guarda, se apresentar na contagem, ficar de pé... em suma é isso.</i>” (p. 84)</p>
ASP 11	<p>“<i>As minhas regras...elas não são nada fáceis, eu só não quero que saia da linha...tem que ser homem, não tem que ser malandro, tem que ser homem, se errar assume o erro... se acertar...sinal de que ele ta se ressocializando... se ele continuar dentro das regras, não minhas mas... da cadeia, da ética... da moral...</i>” (p. 108)</p> <p>“<i>...andar de mão pra trás, entendeu?...Andar na faixa azul, camisa pra dentro, não sair do pavilhão sem fazer a barba, sem cortar o cabelo, eu acho que tinha que ser um pouquinho mais rígido...</i>” (p.119).</p> <p>“<i>E... vêm esses Direitos Humanos só dizendo hipocrisia... Ai dentro dos pavilhões... rolam acertos, acordos, os presos cometem estupro, atentado violento ao pudor, achancam, se esfaqueiam, se atropelam, são os valentões que existem no mundo... e existem pessoas que querem acobertar tudo isso, que são os Direitos Humanos... que é sempre o agente que não tem razão, que é sempre o agente que é corrupto,... ou o policial da muralha que facilitou a fuga...</i>” (p. 122)</p>
ASP 12	<p>“<i>A disciplina...como vem ocorrendo tipo...mão pra trás, andar pela faixa da direita,...</i>” (p. 127)</p> <p>“<i>... andar em fila do lado direito, a mão pra trás,...roupa dentro da camisa... uniforme... higiene pessoal, barba, cabelo... o preso tá sempre de cabelo cortado, barbeado, e com uniforme da casa...</i>” (p. 127)</p> <p>“<i>A má fama que corre na... já... muito tempo, carcereiro faz trapalhada<sup>28</sup>, pega dinheiro de preso é... tudo isso, todo mundo comenta, em qualquer botequim essa conversa corre. Todo mundo, só se ouve falar é isso aí... carcereiro? É bom trabalhar porque pega dinheiro de preso, faz serviço pro preso, nem sei que lá, trapalhada... tudo isso. Então, é agente penitenciário... não tem nada a ver com a carceragem, e outra coisa, mas o pessoal confunde. Então já vê... a pessoa com reserva...</i>” (p. 139)</p>
	<p>“<i>O direito do agente, o direito que ele tem, do agente é isso: ele ter o respeito do preso respeitar o agente e o agente respeita o preso...</i>”</p>

ASP 13	<p>(p.142)</p> <p><i>“Assim, duma sindicância pra ele, por ele de castigo, vai pesar mais do que você pegar o preso e descer o cacete, bater, bater, bater, até desmaiar ele... no meu caso, seria chegar no preso dar uma... conversa, se ele cometeu alguma infração, cê chega e pega ele... nossa disciplina com o preso, é na base do que? Do papel, uma infração, pega ele, dá um castigo nele que seria através do papel, faz um relatório, passa pra disciplina, aí toma as providência e vai dá um castigo nele...” (p.142-3)</i></p> <p><i>“Os direitos dos presos são: cumprir a pena dele, pagar o que ele fez perante a sociedade...” (p.148)</i></p>
ASP 14	<p><i>“... na hora que agente vai, abre, eles chega encosta lá... a disciplina é assim... encosta lá, abre, já tá encostado na porta pra entrar...” (p.156)</i></p> <p><i>“...é um dever dele... respeitar o funcionário é um dever dele, uma disciplina que ele tem...” (p. 161).</i></p> <p><i>“Na hora da contagem cê não pode bater... tem funcionário que bate com a chave na grade... tá desrespeitando”. (162)</i></p> <p><i>“Chega e... dá o toque... e... contagem pra eles ficar de pé, né?... tem uns que desce tem outros que aciona a mão que tá vivo, o importante pra nós é ele vivo lá dentro...chama por matrícula o... já conhece a gente já sabe... a gente tem que entregar a contagem certa... se entregar um morto... o funcionário é culpado.” (p.162)</i></p>

O recorrente recitar de regras poderia sugerir passividade do agente, uma sintonia entre agentes e sistema, na descrição do trabalho de disciplinar, como no discurso direto substituído<sup>29</sup>. Todavia, o formato de lista, apresentado por entoação que remete ao tédio, semelhante ao empregado nas citações do código dos presos (ASP 2), imprime *“uma orientação ativa, que não se limita à passagem da primeira à terceira pessoas, mas introduz na enunciação citada suas próprias entoações, que entram então em contato com a palavra citada, interferindo nela”* (Bakhtin, 1979: 176). Esse índice tomado juntamente com a colocação de ASP 8, *“Esse negócio de disciplina nessa cadeia, no sistema é ver a matrícula, uniforme e...”* (p.84), estabelece um grau de discordância, encontrada em seis entrevistas, em relação ao próprio sistema, e em ASP 13, em relação a outros agentes. Seis de sete entrevistados parecem saber o que o sistema quer que digam e o dizem, mas sem nele acreditar. ASP 8 acrescenta que o preso *“fica disciplinado, mas é uma disciplina fútil... não serve pra nada, só aqui dentro”* (p. 84), e ASP 12, *“Do meu ponto de vista... a disciplina... essa disciplina, andar com a mão para trás, andar na faixa da direita é só para facilitar o serviço dentro do sistema...”* (p. 130). Discorrem, portanto, sobre

regras, deveres e direitos nos quais pouca confiança depositam, em seis entrevistas, por desacreditarem do processo disciplinar ou do sistema penitenciário.

Um segundo ponto é destacado por ASP 11, com nova alusão ao “ser homem”, como o valor mais importante. Também para ele, a disciplina, como oficialmente prevista, seria cosmética: afirma disciplinar o preso nas regras sociais relativas ao “ser homem”, isto é, ser capaz de assumir e enfrentar as conseqüências de seus erros. Aqui, cita uma surra aplicada, em sala fechada, num embate físico com um preso. Ainda no quadro do “ser homem” (ser firme e forte, manter a palavra etc.), este agente elege a Comissão dos Direitos Humanos como seu maior adversário: “... *uma comissão hipócrita... vulgar... vagabunda... sem consciência nenhuma do que é uma cadeia é a Comissão dos Direitos Humanos...*” (p. 122). O discurso indireto livre a instaura como responsável pela péssima imagem de que gozam os agentes penitenciários, no mundo exterior ao presídio, a cuja voz, via mídia, adere a sociedade (ASP 12), injusta, por julgar levianamente, ao desconhecer o funcionamento de um presídio.

Assim sendo, o discurso indireto livre está, também, associado à voz do poder, mas não mais do poder do agente sobre o preso, porém, do sistema e da sociedade sobre o agente. A vulnerabilidade física e moral, agora do agente, está inexoravelmente instalada, e seu poder de crítica atinge seu ápice. Por meio do discurso indireto livre o agente mostra-se responsável por aplicar regras que crê não levarem a nada e realiza um desvio da função de reabilitador, pelo qual é criticado por instâncias que, segundo parece crer, desconhecem suas reais possibilidades e meios de ação.

### *Considerações finais*

Retomemos nossas perguntas de pesquisa. Verificamos a presença das três formas de incorporação do discurso alheio nas entrevistas e o predomínio do emprego do discurso direto. Interessantemente, enquanto esperávamos a confirmação da relação discurso direto/objetividade, distanciamento, racionalidade, encontramos, na amostragem de discurso oral de pessoas com pouca instrução formal, o discurso direto exatamente na antípoda do esperado. É ele que veicula a maior carga emocional, o maior teor de subjetividade e a maior aproximação ao desejo do informante: apresenta-o como forte, respeitado, poderoso, diante de detentos fracos, vulneráveis, subservientes. É, portanto, a forma de citação que praticamente remete à ficção, ao sonho, se contraposta à realidade.

Observamos que a opção de discurso direto, indireto, ou indireto livre participa das estratégias discursivas de construção de imagens de si, ou da construção do efeito de sentido de identidade, e que a cada maneira de empregar a palavra do outro corresponde a construção de um tipo de auto-imagem.

Três formas de uso da palavra alheia, três formas de colocação de si, três imagens de si, incongruentes, no todo, porém, coerentes em cada recorte. O discurso direto, predominantemente, desenha o agente como poderoso, face aos presos; o discurso indireto relativiza tal poder, ao mostrá-lo vulnerável, fora do presídio, ou diante de um terceiro, na relação com o preso; o discurso indireto livre o mostra como desadaptado à prisão, ao sistema penitenciário e à sociedade, que dele depende para fazer o “*serviço sujo*”, mas que a ele só reserva críticas, ao mesmo tempo em que se recusa a empregar mais recursos, para seu preparo e treinamento.

Resumindo, portanto, as imagens de si veiculadas pelo discurso dos ASPs mostram-no como:

- Forte e poderoso: *super-homem*, quando só com o preso e emprego de discurso direto;
- Entre forte e vulnerável: *homem*, quando as ocorrências de discurso indireto introduzem um terceiro, face ao preso;
- Plenamente vulnerável: *coisa*, ou *pessoa desprovida de voz*, quando o terceiro tem a palavra via ASP, no discurso indireto livre remetendo à sociedade.

Em linhas gerais, temos uma área de concordância substancial, entre Harkot-de-La-Taille (2007) e o presente texto. Em ambas as abordagens o ASP produz o efeito de sentido de uma identidade fragmentada, inconsistente, contraditória, irreconciliável. Há também complementaridade, na medida em que o presente estudo apontou três representações identitárias irreconciliáveis, enquanto o anterior mostrou dois pólos identitários opostos, ricamente ilustrados, o primeiro e o terceiro do presente estudo, entre os quais outras imagens de si se colocariam.

À guisa de conclusão, resgatemos o último item das perguntas de pesquisa, voltado à possibilidade de um estudo sobre a interdiscursividade acrescentar elementos para a compreensão do mundo e das necessidades dos agentes de segurança penitenciária.

Entre carrasco-herói e vítima, o agente de segurança penitenciária revela um item comum a todas as representações de si: ele está só, sem apoio, sem preparo, sem recursos. Se age como “homem”, isto é, entre forte e vulnerável, rapidamente as enormes tensões alimentadas pelas péssimas condições dos presídios e que se refletem em suas precárias condições de

trabalho o arrancam do equilíbrio instável para um dos extremos. Nos extremos, abole-se a cultura em favor da força bruta e da lei da selva, a lei do mais forte. Estabelecida a lei do mais forte, é bater ou apanhar, é matar ou morrer. É ser a bota que pisa, ou o membro pisado, é estar “por cima” ou estar “por baixo”, jamais no mesmo nível, o nível humano.

É urgente investir-se em minimamente proporcionar condições para o ASP poder ser “simplesmente” um homem, no desempenho de sua profissão. As condições de dignidade para o agente não são, porém, dissociadas das condições de dignidade para o preso. No sistema prisional, são como duas faces da mesma moeda: na medida em que se degradam as condições de um, o preso, degradam-se as condições do outro, o agente. Esse último, pressionado pela sociedade, pela mídia, pela hierarquia do presídio, pelas precárias condições de trabalho, ao dever manter a disciplina em celas superlotadas, não poderá, jamais, desempenhar o papel esperado enquanto espera, infinitamente, por apoio, por recursos, por treinamento que não chegam.

Ao ceder seu discurso para análise, que essas vozes tão pouco ouvidas, aqui registradas, possam se tornar veículo e motor do início da mudança necessária.

---

### Notas

<sup>1</sup> Para trabalhos sobre a construção discursiva da identidade por outros focos que o discurso citado, ver também Bolívar (2002), De Cilia, R., Reisigl, M., & Wodak, R. (1999), Gutierrez (2005), Nadal (WEB, 2005), Porras (WEB, s/d), Resende; Ramalho (2006), Vaca; Chaparro; Pérez (2006).

<sup>2</sup> Harkot-de-La-Taille (2007)

<sup>3</sup> Desde a publicação da obra, estudos sobre o discurso indireto livre têm sido realizados, ainda assim, em pequeno número, em relação aos dois primeiros.

<sup>4</sup> *Hors contexte rien ne permet de conférer de manière assurée à un énoncé le statut de discours indirect libre; ceci est lié à l'propriété remarquable qu'il a de rapporter des propos en faisant entendre, inextricablement mêlés, deux voix différentes, pour reprendre les termes de Bakhtine, deux "énonciateurs" selon ceux de Ducrot. Le discours indirect libre se repère précisément aux décalages, aux discordances qui s'établissent entre la voix de l'énonciateur qui rapporte les propos et celle de l'individu dont les propos sont reportés. L'énoncé ne peut être attribué ni à l'un ni à l'autre et il n'est pas possible de séparer dans l'énoncé les parties relevant univoquement de l'un ou de l'autre.* (Maingueneau, 1987: 70)

<sup>5</sup> O Brasil atrás das grades. Relatório da Human Rights Watch, doravante, HRW, em <http://www.hrw.org/portuguese/reports/presos/resumo.htm>, 26/06/2008. As informações sobre o sistema prisional brasileiro baseiam-se principalmente nesse relatório, o mais completo e atual existente, de acesso público. As fontes oficiais limitam-se a informações burocráticas, por exemplo, o número de presídios, sua capacidade, localização, infraestrutura. A superlotação dos presídios brasileiros e as péssimas condições de acomodação,



amplamente conhecidas e divulgadas pela mídia, não são sequer mencionadas por <http://www.sap.sp.gov.br/principal.html>, o site oficial da Secretaria da Administração Penitenciária de São Paulo, no qual as notícias atêm-se a melhorias, tais como “Internas da PFC ganham ‘brinquedoteca’”; “Unidades Prisionais fazem mutirão de saúde” etc. Em “Últimas notícias”, em <http://www.sap.sp.gov.br/common/noticias/0200-0299/not201.html>, na data de 28/06/2008, encontra-se unicamente a divulgação de um seminário sobre Responsabilidade Social, assinada pela Assessoria de Imprensa, postada em 13/10/06. O período em que as “Últimas Notícias” não são atualizadas é uma clara indicação de problemas, na divulgação de informações, pelas autoridades.

<sup>6</sup> As entrevistas orais foram transcritas sem critérios lingüísticos. Não há registro de aspectos prosódicos, nem coerência nas formas de grafar o dito. Assim, ora o registro popular é empregado, ora a fala é “corrigida” e se aproxima à do padrão culto. Quando necessário, complementamos a transcrição com o acesso ao áudio.

<sup>7</sup> O emprego de “voz” no singular, no lugar de “vozes” visa apenas a tornar a escrita mais fluida.

<sup>8</sup> No presente texto, foram feitas algumas correções nas falas, devido à ausência de critérios de uniformização, nas transcrições, com o intuito de facilitação da compreensão. Assim, por exemplo, foram realizadas correções de ordem fonética (“matá” foi corrigido para “matar”, “num” foi corrigido para “não”, quando operando uma negação). Foram mantidas, porém, as colocações em português não convencional.

<sup>9</sup> Optou-se por manter nos enunciados a oscilação entre os tratamentos “tu” e “você”, segunda e terceira pessoas do singular, como ocorre em português coloquial de São Paulo: “Não faça (3 p. s.), senão vou te (2 p. s.) tirar...”

<sup>10</sup> “Ladrão” é uma das formas de tratamento corriqueiramente empregadas pelo agente penitenciário, como forma de chamamento do preso. Segundo o regulamento, este deveria ser chamado pelo nome, número de inscrição, “sentenciado” ou “reeducando”.

<sup>11</sup> Os relatos de eventos de violência e humilhação sofridos pelo ASP, por ação dos presos, são reiteradamente apresentados no passado, como superados e “devidamente vingados” pelo ASP.

<sup>12</sup> Forma de tratamento com que presos dirigem-se ao ASP. Também: Mestre, Mestrão, Chefe.

<sup>13</sup> Expressão coloquial de protesto, queixa ou desagrado.

<sup>14</sup> Ser chamado de “trezão”, ou 13, ou 213 é ofensivo, pois é referência a condenação por estupro. “Picar a cara” é furar o rosto a faca.

<sup>15</sup> “Seguro” refere-se à reclusão especial para sentenciado sob risco de vida, no presídio.

<sup>16</sup> “Dar canada”, “quebrar” são gírias que significam castigar, surrar, enquanto o tapa na cara e o encostar na parede são formas de humilhação, diferentes modos de conseguir a manipulação do preso.

<sup>17</sup> “Escrever um preso” é o mesmo que “dar parte de infração”, isto é, registrar, em documento oficial, faltas administrativas cometidas pelo sentenciado.

<sup>18</sup> “Literal quotation is intended to be objective knowledge, far removed from the subjectivity of the journalist.” Calsamiglia and López Ferrero (2003, 153)

“This may be because reported speech, especially direct quotes, comes closest to presenting what was said, and, thereby, done.” Buttny (1998, 49-50)

<sup>19</sup> Um interessante tópico para pesquisa seria verificar se existe relação entre a menor frequência de emprego do discurso indireto e o nível cultural dos sujeitos. Segundo observação que agradeço a Yves de La Taille, o emprego de discurso direto e a decorrente teatralização de relatos pareceria mais típico de sujeitos com nível cultural mais baixo.

<sup>20</sup> “Dar um toque” é coloquial para “avisar”.

<sup>21</sup> A referência a “santo” e “milagre” deriva de um dito popular, “contar o milagre sem contar o santo”, equivalente a revelar um fato, plano, intenção sem revelar seu autor.

<sup>22</sup> “Fazer a parte” é o mesmo que “escrever”, isto é, encaminhar, por escrito, anotação de sanção disciplinar.

<sup>23</sup> Os ditados populares evocados: “Violência gera violência”; “Para combater a força, só com uma força maior”; “Quem está na chuva é pra se molhar”. Há também lexias, frases cristalizadas socialmente, aqui, manifestando desaprovação: “Uma coisa dessas não pode se admitir”; “de jeito nenhum”.

<sup>24</sup> Coloquial para “enfrentar”, “desafiar”.

<sup>25</sup> Coloquial para “perder a razão”.

<sup>26</sup> Policial Militar.

<sup>27</sup> Escola Municipal.

<sup>28</sup> “Fazer trapalhada” significa fazer favores ilícitos para o preso, mediante pagamento.

<sup>29</sup> Bakhtin (1979: 157), diferencia o discurso direto substituído do discurso indireto livre com base no *paralelismo de entoações*, do primeiro, contra a interferência da voz que cita sobre a voz citada, no segundo.

## Referências

- Bakhtin, M. (1979)** *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- Bolívar, A. (2002)** Violencia verbal, violencia física y polarización a través de los medios, en L. Molero y A. Franco (eds.) *El discurso político en las ciencias humanas y sociales*, pp. 125-136. Caracas: Fonacit.
- Buttny, R. (1998)** Putting prior talk into context: reported speech and reported context. *Research on Language and Social Interaction*, 31-1, p. 45-58
- De Cilia, R., Reisigl, M., & Wodak, R. (1999)** The discursive construction of national identities, *Discourse & Society* 10, 2, 149-173.
- Fairclough, Norman (2001)** *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Ferreira, Marília M. (2004)** A Vitória de Lula e sua representação nos jornais nacionais e internacionais, *Estudos Lingüísticos XXXIII*, p. 369-374, disponível em [http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/a\\_vitoria\\_lula.pdf](http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/a_vitoria_lula.pdf), em 05/03/2008.
- Goffman, E. (1973)** *La mise en scène de la vie quotidienne – 1. la présentation de soi*. Paris : Les Éditions de Minuit.
- Greimas, A. J., & Fontanille, J. (1991)** *Sémiotique des Passions: des états de choses aux états d'âme*. Paris: Seuil.
- Gutierrez, M. M. B. (2005)** Heterogeneidade em narrativas escolares: sentidos que se constroem nas diferenças e nos desvios, *Alfa*, São

- 
- Paulo 49(1): 7-29, disponível em [http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v49/v49-1/cap1\\_sep.pdf](http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v49/v49-1/cap1_sep.pdf), em 10/02/2008.
- Harkot-de-La-Taille, E. (2007)** Crise identitária: imagens de si do agente penitenciário em entrevistas sobre o disciplinar *Discurso, teoria y análisis* 27 (Primavera): 85-119. México, D. F. UNAM.
- Haworth, K. (2006)** The dynamics of power and resistance in police interview discourse *Discourse & Society*, 17, 6, 739-759.
- Human Rights Watch (s/d)** *O Brasil atrás das grades*. Relatório. Disponível em <http://www.hrw.org/portuguese/reports/presos/resumo.htm>, acessado em 26/06/2008
- Nadal, Estela Fernández (2005)** Memoria, identidad, poder. Francisco Bilbao y las filosofías de la historia de los vencedores. *Revista Polis*, 11, disponível em <http://www.revistapolis.cl/12/ferna.htm>, em 02/03/2008.
- Lopes, R. (1998)** *Atualidades do discurso disciplinar: a representação da disciplina e do disciplinar na fala dos agentes de segurança penitenciária*. Anexo 2, Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da USP.
- Maingueneau, D. (1987)** *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris: Hachette.
- Pedrosa, C. E. F. (s/d)** Análise Crítica do Discurso: uma proposta para a análise crítica da Linguagem *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos*, disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>, em 22/08/2008.
- Porrás, V. G. (s/d)** Héroes indômitos, bárbaros y ciudadanos chilenos: el discurso sobre el índio em la construcción de la identidad nacional. *Revista de Historia Indígena*, N° 5. Departamento de Ciencias Históricas. Universidad de Chile (119-134), disponível em <http://www.filosofia.uchile.cl/publicaciones/revindigena/n5/v%20gallardo.pdf>, em 02/03/2008.
- Resende, V. de M., & Ramalho, V. (2006)** *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Editora Contexto.
- Ricoeur, P. (2004)** *Parcours de la reconnaissance: trois études*. Paris : Stock.
- Rivero, I. (2003)** Intertextualidad, polifonía y localización en investigación cualitativa. *Athenea Digital*, 3, 1-13. Disponible en <http://antalya.uab.es/athenea/num3/rivero.pdf>, en 18/02/2008.
- Schuck, A. R.T., & Ward, J. (2008)** Dealing with the inevitable: strategies of self-presentation and meaning construction in the final statements of inmates on Texas death row *Discourse & Society*, 19, 1, 43-62.

**Stokoe, E., & Edwards, D. (2007)** ‘Black this, black that’: racial insults and reported speech in neighbour complaints and police interrogations *Discourse & Society*, 18, 3, 337-372

**Vaca, P., Chaparro, B., & Pérez, N. (2006)** Representaciones sociales acerca de la identidad de género de una mujer que emplea la violencia en la solución de conflictos *Psicología desde el Caribe* n.18. Universidad del Norte, Barranquilla, Colômbia, p 23-57, disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=21301803>, em 02/03/2008.

### Nota bibliográfica



**Elizabeth Harkot-de-La-Taille** é professora, na graduação e pós-graduação, em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, no Departamento de Letras Modernas, na Universidade de São Paulo. Seus interesses de pesquisa recaem sobre a construção discursiva da identidade, a construção do “outro” (“tu” ou “ele”) e seus efeitos na conceituação do “eu”, as paixões em torno das imagens de si em circulação, em sociedade; e as construções discursivas identitárias em torno do adolescente. Publicou *Ensaio semiótico sobre a vergonha*, São Paulo, Humanitas, 1999; *Bref examen sémiotique de la honte Nouveaux Actes Sémiotiques* (2000) Limoges, PUL; *Vergonha, orgulho e Honra nos contos de Margaret Atwood Claritas* (2001). São Paulo, EDUC; “Ação moral e estereótipos culturais” *In Arantes, V. (org.) Afetividade Na escola*. (2003) São Paulo, Summus; *Crise identitária: imagens de si do agente penitenciário em entrevistas sobre o disciplinar Discurso, teoría y análisis* 27 (Primavera, 2007): 85-119. México, D. F. UNAM, entre outros.

**E-mail: [beth.harkot@usp.br](mailto:beth.harkot@usp.br).**